

**Na educação infantil a educação sexual está em ação: meu corpo é um tesourinho**

*En el nivel inicial la educación sexual está en acción: mi cuerpo es un tesorito*

Marta Richciki Camargo

Thais Goldeff Hahn

**Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE**

Cascavel/PR-Brasil

Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia

**Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Realeza/PR-Brasil

**Resumo**

O objetivo do presente artigo é apresentar e discutir uma proposta de intervenção pedagógica sobre a sexualidade na educação infantil, chamando a atenção para os cuidados do próprio corpo, respeito para com o outro, bem como formas de evitar o abuso sexual de crianças. Para tanto, utilizamos da metodologia da pesquisa qualitativa, que está ancorada em um estudo de campo caracterizado como pesquisa-ação, com o objetivo de contemplar a educação emancipatória. O trabalho envolveu crianças de quatro e cinco anos de idade de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado na região Sudoeste do Paraná. Os dados foram coletados por meio de uma sequência didática, em que iniciamos o diálogo com o seguinte questionamento: “O que você usa para fazer xixi?”. Como resultados, observamos que foi possível desenvolver o conhecimento sobre os órgãos genitais e, também, dialogarmos a respeito da proteção ao corpo (abuso sexual) e a saúde, promovendo a ampliação da compreensão da temática.

**Palavras-chave:** Educação Infantil; Educação Sexual; Pesquisa-ação.

**Resumen**

El objetivo del presente artículo es presentar y discutir una propuesta de intervención pedagógica sobre sexualidad en el nivel inicial, llamando la atención para los cuidados del propio cuerpo, respecto con el otro, bien como maneras de evitar el abuso sexual de los niños. Por lo tanto, utilizamos la metodología de la investigación cualitativa, que se basa en un estudio de campo caracterizado como pesquisa-acción, con el objetivo de contemplar la educación emancipadora. El trabajo abarcó niños de cuatro y cinco años de edad de un Centro Municipal de Nivel Inicial, localizado en la región Sudoeste de Paraná. Los datos fueron obtenidos por medio de una secuencia didáctica, en que empezamos el diálogo con el siguiente cuestionamiento: “¿Lo que usas para hacer pipí?”. Como resultado, observamos que fue posible desarrollar el conocimiento sobre los órganos genitales y, también, dialogamos acerca de la protección al cuerpo (abuso sexual) y la salud, promoviendo la ampliación de la comprensión del tema.

**Palabras-clave:** Nivel Inicial; Educación Sexual; Pesquisa-acción.

## **Introdução**

O interesse em trabalhar o tema sexualidade com crianças da educação infantil vem sendo pensado há tempo, visto que, as circunstâncias que ainda ocorrem em nossa sociedade precisam ser dialogadas para que as crianças possam ter conhecimento quanto à saúde e a proteção. Além do mais, a nossa inserção, no contexto educacional enquanto professores possibilitou constatar certa inquietação e falta de saberes específicos dos educadores quando o assunto é: Como trabalhar a Educação Sexual?

Nesse sentido, para iniciar nossa abordagem teórica destacamos os preceitos que embasam a pesquisa. Nunes (1987) afirma que a negação da sexualidade está caracterizada pela tradição repressiva, visão moralizante e visão permissiva. Além disso, faz distinção entre sexo (marca biológica) e sexualidade (marca humana social). Portanto, a sexualidade é legítima, pois vai além da questão biológica que o termo sexo restringe, mas em todos os fatores interligados (necessidade, vontade e desejo), ela é objeto de estudo das ciências humanas, é marca humana civilizatória, é uma construção humana. Já o sexo é uma determinação da natureza, marca biológica (reprodução), conquista dos seres vivos. Pode-se dizer que a sexualidade é uma construção histórica, antropológica e filosófica, pois, de fato, o contexto influi no conceito de sexualidade do sujeito. Vale lembrar que nascemos biologicamente humanos, com um sexo biologicamente masculino ou feminino, depois vamos construindo nossa sexualidade.

Porém, infelizmente, grande parte das instituições de ensino trabalha apenas o sexo biológico, não se preocupam em abordar assuntos referentes ao nível psicossocial e as diferenças sociais de gênero. Nesse sentido, de fato, ainda há um longo caminho a ser percorrido quando o assunto é sexualidade e, a partir desse assunto, abordar a proteção (violência sexual), a discriminação, o preconceito, o aborto, a gravidez, as infecções sexualmente transmissíveis (IST). Por isso, é fundamental que aos poucos seja introduzido no currículo escolar assuntos que ressaltam a essência da liberdade, do respeito, da integração entre os sujeitos, da aquisição de conhecimento de grande relevância social. Podendo assim, construir vínculos e oportunidades de emancipação humana. Com o objetivo de problematizar uma proposta pedagógica com foco na sexualidade, apresentamos aqui, os resultados de uma intervenção que procurou evidenciar as possibilidades de iniciar o estudo da educação sexual desde o início do processo de

escolarização. Além de introduzir o tema na formação da criança, ele também tem como alvo tornar-se parte integrante dos referenciais da educação infantil.

### **Escola e educação sexual**

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 15: “A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis” (BRASIL, 2002, p. 03). Diante desse cenário, ressalta-se a importância de elencar assuntos que fazem parte da formação pessoal, social e cultural das crianças.

Além do mais, “[...] é importante lembrar que, quando não se fala de sexualidade, ou seja, quando se opta por não trabalhá-la, no espaço da escola, [...] o silêncio é também uma forma de educar. Com ele, os alunos aprendem que este é um assunto tabu” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 168). A autora corrobora que no momento que optamos em não trabalhar com o tema sexualidade no ambiente escolar, sem querer, ou sem levar em consideração, estamos elencando o assunto sobre o qual nada deve ser dito, algo vergonhoso, que deve ser silenciado/escondido. No entanto, estamos deixando de tratar de algo próprio e parte integrante da formação humana que é a sexualidade. Além disso, ao não abordar os temas da educação sexual na escola podemos contribuir, mesmo que de forma involuntária para o desencadeamento de outros tantos problemas, como a perpetuação do machismo, da desigualdade de gênero, da homofobia, bem como encobrir o abuso sexual, a discriminação, o preconceito e a falta de respeito com o outro.

Sendo assim, a partir do que foi exposto anteriormente, realizou-se uma pesquisa qualitativa, a qual se caracteriza como pesquisa-ação<sup>1</sup>. Para tanto, foi pensada e executada uma sequência didática para trabalhar o tema sexualidade com crianças de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado na região Sudoeste do Paraná. Vale ressaltar que, o Sudoeste é “uma região com características entre as mais rurais do estado” (PARANÁ, 2009, s/p). Trata-se de uma região de ocupação recente, onde predominam pequenas cidades e propriedades rurais de pequeno e médio porte com a prática da agricultura familiar, apesar da expansão do agronegócio no local.

Cabe salientar que, ao trabalhar o conceito de sexualidade coloca-se em prática o que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) enfatiza como

*Na educação infantil a educação sexual está em ação: meu corpo é um tesourinho*

essencial para a formação do sujeito que frequenta a primeira etapa da educação básica,

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas [...] A marca da cultura faz-se presente desde cedo no desenvolvimento da sexualidade infantil, por exemplo, na maneira como os adultos reagem aos primeiros movimentos exploratórios que as crianças fazem em seu corpo (BRASIL, 1998, p. 17).

Ao descobrir e conhecer o desenvolvimento integral de seu corpo e cuidar dele, a criança também pode conhecer o eu, o outro e o nós e respeitá-los. Tanto a Expressão da sexualidade – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – quanto o campo de experiência “o Eu, o Outro e o Nós” – Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – destacam a importância da educação sexual no ensino infantil. Visto que, ao reconhecer-se que a criança constrói sua identidade pessoal, social e cultural e, pode ampliar o modo de percepção de si e do outro, respeitando e reconhecendo as diferenças que constituem os seres humanos (BRASIL, 2018). Apesar disso, o tema sexualidade, aparece apenas no final do Ciclo 2 do Ensino Fundamental do documento da BNCC como parte dos conteúdos a serem desenvolvidos com os estudantes, uma vez que:

Nos anos finais, são abordados também temas ligados à reprodução e à sexualidade, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira (BRASIL, 2018, p. 327).

O termo sexualidade não é mencionado no documento curricular na parte que trata da Educação Infantil. Parte disso, explica-se pelo avanço do pensamento conservador e de forte influência religiosa que acusa a escola de estimular precocemente a sexualidade de crianças e adolescentes. Ainda há uma evidente resistência em tratar sobre a temática. Isso ocorre “tanto nas famílias como na instituição, as explorações sexuais das crianças mobilizam valores, crenças e conteúdos dos adultos, num processo que nem sempre é fácil de ser vivido” (BRASIL, 1998, p. 19). O assunto sexualidade, por muitos anos, não foi abordado com as crianças, pois era tido como tabu, “coisa de gente grande” (adulto). As crianças não estavam “preparadas” para receber informações sobre seu corpo. Portanto, acredita-se seriamente que muitos fatos que ocorrem em nosso meio podem ser reflexo da falta da devida abordagem. Dado que muitos pais, gestores e professores preferem não

explicitar as informações por medo, vergonha, valores tradicionais ou por pensar que o tema sexualidade não é assunto para ser tratado com crianças que frequentam a educação infantil. Além disso, a ausência de documentos curriculares que orientem adequadamente a questão corrobora para a manutenção do machismo, da desigualdade de gênero e da violência contra a criança e os adolescentes.

Segundo Foucault (1988), discursos assim são próprios da repressão, condenação, injunção ao silêncio e da afirmação de inexistência. Desta forma, a sexualidade sempre foi camuflada, reprimida, velada. Acredita-se que esses fatores contribuíram significativamente para que houvesse tantos fracassos, traumas e distúrbios emocionais que afetam as relações humanas. Por isso, deve-se pensar em uma educação sexual que envolva a transformação social. Com isso, elas poderão se sentir mais aceitas, ouvidas, respeitadas e cuidadas, proporcionando assim, segurança e mudança em sua formação pessoal e social.

### **Sexualidade na educação infantil: conhecimento e ação**

De acordo com Figueiró (2009a, 2009b, 2013), acredita-se que é na infância que se deve iniciar o trabalho sobre a temática sexualidade, pois a criança precisa compreender suas manifestações sexuais. E, percebendo a necessidade de contribuir com a criança a compreender essas manifestações, é imprescindível que a educação infantil aborde esse assunto. Além disso, é preciso ressaltar a importância da afetividade para a construção do conhecimento, que envolve o bom relacionamento entre professor e aluno. São condições essenciais para que se possa ter uma relação de confiança entre ambos e possibilite uma educação dialógica e de compreensão da sexualidade como algo inerente à vida e à condição humana. Se esse processo de formação for bem conduzido, contribuirá para o entendimento do próprio corpo e das transformações vivenciadas na infância. Todo esse esforço irá favorecer a constituição de adultos que terão outra perspectiva em relação a vida e a sexualidade. Como aponta a autora:

[...] todos somos frutos de uma sociedade repressora em relação à sexualidade, na qual ainda perduram associações do sexo com ideias de pecado, de feio e de proibido, ou, por outro lado, com ideias de promiscuidade e de imoralidade (FIGUEIRÓ, 2009, p. 154).

Considera-se que as instituições educacionais podem, por meio da educação sexual, auxiliar na propagação de informações profícuas que venham ajudar a minimizar os

*Na educação infantil a educação sexual está em ação: meu corpo é um tesourinho*

estereótipos que caracterizam nossa sociedade e, talvez, seja possível observar menos antinomias no contexto educacional, social, cultural. Rompendo, aos poucos, com a ótica machista, sexista e heteronormativa, pois estará o educando influenciando positivamente no processo formativo por valores e atitudes para uma sociedade mais justa, plural, diversa e que saiba conviver com as diferenças.

Por tanto, os sujeitos que lutam por igualdade e respeito, devem inteirar-se cientificamente de assuntos que devem ser abordados em diversos contextos sociais, sejam eles institucionais ou não. Assim, garantir uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem que envolve a formação de cidadãos críticos que lutam por seus direitos políticos, sociais e, por que não sexuais? Ao desenvolver ações que enfatizem o respeito, o diálogo, a diversidade e a ciência, podemos formar pessoas que lutam por seus direitos e respeitam os direitos alheios. Além do mais, pode-se desenvolver a confiança e a autonomia e, com isso, os sujeitos se sentirão aceitos, ouvidos, respeitados e cuidados, proporcionando segurança e mudança em sua formação pessoal e social, adquirindo conhecimento sobre as mais diversas realidades.

É importante lembrar que nesse trabalho procuramos considerar a infância em seus diversos contextos de vivência. Isso envolve condições sociais, culturais e econômicas. Sendo assim, se pensarmos somente no respectivo significado de infância que os dicionários elencam, sem levar em consideração as peculiaridades, estaremos pensando em uma situação irreal. Segundo Rousseau (1995), ainda há muitas ideias vagas quando o assunto é infância, porém, é necessário conhecermos e compreendermos o quanto essa etapa da vida é essencial, tanto para a formação pessoal quanto para garantir os direitos de cidadania.

Destaca-se que a proteção à infância é um direito social que não deve ser negligenciado e está assegurado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96, no capítulo II dos Direitos Sociais, Artigo 6º “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 2014, p. 12). A partir das informações do artigo 6º é importante destacar que os direitos sociais são essenciais para garantir condições dignas de vida para as crianças e suas famílias. Em um país de grandes abismos sociais como o Brasil, os direitos sociais não são constantes, pois dependendo de quem assume o governo eles podem ser reduzidos, suspensos ou negligenciados.

A partir das obras de Figueiró (2009a, 2009b, 2013), Furlani (2009), Nunes (1959), Foucault (1984, 1988), fica evidente a necessidade de uma discussão mais ampla sobre o tema sexualidade. É necessário compreendermos o contexto sociocultural para que seja possível abordar a temática com propriedade nas instituições escolares. Pode-se dizer que a inquietação relatada pelos pesquisadores na introdução do presente trabalho está relacionada com isso. Assim, percebe-se a necessidade de haver uma maior apropriação das discussões e conseqüentemente ações/atividades desenvolvidas que dialoguem com a conjuntura local, a fim de não causar estranhamentos e falta de apoio da comunidade de pais e cuidadores.

Contudo, vale lembrar que, a Base Nacional Comum Curricular (2018), não faz referência explicitamente sobre o ensino da sexualidade na educação infantil, nos possibilita possíveis interpretações para trabalhar a sexualidade nos campos de experiências: “O eu, o outro e o nós” e “Corpo, gestos e movimentos”. Deve-se salientar que o termo sexualidade vai além da dimensão biológica e de genitalidade, é elemento indispensável de nossa identidade e personalidade. Por isso, não se pretende ditar regras, dizer o que é certo ou errado, mas fazer com que os sujeitos aprendizes sejam capazes de refletirem e, com isso, construírem seus valores, buscando assim, a sua emancipação. Esse processo se principia na Educação Infantil e avança por todo o processo de escolarização.

### **Aspectos metodológicos**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e se enquadra como uma pesquisa-ação<sup>ii</sup> sobre o tema sexualidade. De acordo com Thiollent (2011), a pesquisa-ação pode possibilitar o agrupamento de procedimentos para articular conhecimento e ação, ou retirar da ação novo conhecimento. Por esse viés, “a pesquisa-ação pode ser concebida como método, isto quer dizer um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos” (THIOLLENT, 2011, p. 08).

Contudo, é sob a perspectiva de formar sujeitos ativos, reflexivos, respeitosos e que lutam em prol dos direitos humanos que se planejou uma sequência didática. Os pesquisadores precisaram gerar suas fontes de pesquisa e ao mesmo tempo estiveram desenvolvendo um trabalho de educação sexual com quinze (15) crianças de quatro (04) a cinco (05) anos de idade, sendo oito meninos e sete meninas, que frequentavam uma instituição de educação infantil situada em uma cidade que está localizada na região

### *Na educação infantil a educação sexual está em ação: meu corpo é um tesourinho*

Sudoeste do Paraná. A escolha da turma se deu pela maior facilidade para a obtenção dos dados, uma vez que os alunos/crianças estavam ainda na educação infantil e já usavam a língua verbal e não verbal como meio de (inter)ação e, também, apresentam maior curiosidade, perguntam, questionam e, assim, demonstravam ter mais interesse em assuntos relacionados à sexualidade. É válido mencionar que todos os responsáveis pelas crianças envolvidas na pesquisa assinaram o termo de consentimento.

Com base no que Michel Thiollent (2011) descreve, pode-se afirmar que a sequência didática realizada se caracteriza como pesquisa-ação, pois toda a pesquisa que possibilita às pessoas “dizer” e “fazer” algo está relacionada com a presente metodologia abordada, além disso, os participantes se envolvem ao longo de toda a pesquisa. Portanto, o processo de coleta de dados para posterior análise não enfatiza somente a obtenção de resultados e produtos, mas também o processo desenvolvido, a compreensão de comportamentos que podem ser capazes de construir o conhecimento científico, bem como a produção de desenhos e relatos das crianças. Os instrumentos de coleta de dados para análise foram: produção de desenhos e atividade com música (roda de conversa).

Para dar início à pesquisa, os pais/responsáveis pelas crianças foram convidados a participar de uma roda de conversa que ocorreu no próprio estabelecimento de ensino. Foi exposto o objetivo da pesquisa, como seria o desenvolvimento das atividades e a devolução dos resultados obtidos. Após realizar a roda de conversa com pais/responsáveis e, a respectiva aceitação dos mesmos em participar da pesquisa, organizou-se o desenvolvimento da sequência didática no CMEI.

#### **Da sequência didática e (re)ações**

Nesta seção apresentamos o detalhamento da organização e desenvolvimento da sequência didática, contextualizando assim, o leitor sobre o campo, os sujeitos envolvidos e os resultados observados. Os instrumentos de coleta de dados foram coletados e analisados a partir do desenvolvimento de três encontros.

No primeiro encontro: organizamos as cadeiras da sala de aula em círculo e convidamos as crianças para se sentarem. Em seguida, apresentamo-nos a elas e pedimos seus respectivos nomes, possibilitando a interação entre os pesquisadores e as crianças. Além disso, fizemos outras perguntas (o que as crianças gostavam de comer, brincar, cores preferidas, se tinham animais de estimação). Isso com o objetivo de possibilitar um ambiente de desinibição das crianças. Assim, aos poucos, as crianças foram interagindo e

relatando suas preferências. Depois de dialogarmos/interagimos, aos poucos, fomos percebendo que as crianças estavam bem à vontade. E, a partir desse momento descontraído, inseriu-se o seguinte questionamento: “O que você usa para fazer xixi?” Desse modo, iniciamos o diálogo sobre a temática sexualidade na Educação Infantil.

Ao inserir o questionamento: “O que você usa para fazer xixi?”, percebemos inicialmente que a maioria das crianças começou a rir e trocar olhares, mas não relataram nada. Então, perguntamos se eles não faziam xixi. Todos responderam que sim. Aproveitamos a deixa e explicamos que eles precisavam de vulva/pênis para fazer xixi. Aos poucos, timidamente, algumas crianças começaram a apresentar suas respostas e, ao passo que tratamos as respostas com naturalidade, as demais crianças foram expondo suas informações. Dessa maneira, como forma de resposta, surgiram vários nomes, como “pipi”, “pintinho”, “perereca”, “piu-piu”.

Após ouvir as respostas que as crianças relataram, retiramos de uma sacola bonecas(os) – a sacola foi confeccionada com tecido feltro e as(os) bonecas(os) são de borrachas, esse material foi organizado pelos pesquisadores. As(os) bonecas(os) foram escolhidas(os) em diferentes tamanhos – um(a) de tamanho mediano(a) e outro(a) pequeno(a) – diferentes cores (branca e preta, para assim, poder trabalhar a diversidade étnica) e gênero (masculino e feminino). Pois, segundo Louro (2003), precisa-se problematizar as múltiplas combinações de gênero, etnia, classe, raça e sexualidade. Por conseguinte, mostramos as (os) bonecas (os) para as crianças e fomos relatando as diferenças que há entre pênis e vulva – as (os) bonecas (os) utilizadas na atividade tinham seus órgãos genitais definidos. Vale ressaltar que há diferença entre o termo vagina e vulva, usa-se o termo vulva para a parte externa do órgão genital feminino e vagina para o canal que liga a vulva até o colo do útero (COSTA, 2013).

Também explicamos formas de higienização que podem ser realizadas durante o banho, quando faz xixi e cocô. Em seguida, as crianças manusearam e observaram as (os) bonecas (os), propiciando assim, um momento para perguntas, curiosidades e dúvidas. Salientamos que, no primeiro momento, disponibilizamos as (os) bonecas (os) às crianças, mas elas pegavam as (os) bonecas (as), olhavam, rapidamente (introvertidas), e passavam para o colega que estava ao lado. Mas, na medida em que fomos dialogando, naturalmente, sobre a importância da higienização, da necessidade de conhecer o corpo, observamos que

*Na educação infantil a educação sexual está em ação: meu corpo é um tesourinho*

as crianças foram interagindo e desfazendo a ideia de que é vergonhoso falar e observar as partes do corpo. Evidenciamos que, a pergunta mais frequente que as crianças realizaram, foi de lembrar o nome correto do órgão genital. Vale ressaltar que nenhuma criança se recusou a manusear as (os) bonecas (os).

Ao término do momento da observação e das perguntas, foi utilizada a lousa da sala de aula para desenhar a imagem de uma mulher e de um homem (ambos nus no desenho). Desenhamos os olhos, as sobrancelhas, o nariz, a boca, as orelhas, o seio, o umbigo, o órgão genital e o joelho, para assim, trabalhar as diferenças e semelhanças que há entre o gênero feminino e masculino. Além disso, buscamos romper a ótica machista quando se fala em gênero (masculino e feminino), bem como os estereótipos de que azul é de menino e rosa é de menina e que menina brinca com boneca e menino com carrinho. Ou seja, cores, brinquedos, corte de cabelo não definem o gênero e a sexualidade, pois a construção ocorre através de aprendizagens de instâncias sociais e culturais. (LOURO, 2008)

Por meio do diálogo, explicamos sobre as partes que constitui o corpo humano, fizemos uso de linguagem mais próxima possível do universo infantil, para que as crianças pudessem perceber que há diferenças e semelhanças entre o corpo masculino e o corpo feminino, mas que essas diferenças não devem ser utilizadas para menosprezar o outro - dizer que o menino é mais forte que a menina e, que por isso, pode maltratá-la, que o menino não pode demonstrar seus sentimentos porque deixa de ser “fortão”, deixa de ser “homem”, se torna “frágil” igual à mulher. Ressaltamos que as cores existem para serem utilizadas e os brinquedos para brincar, por isso, não tem cor ou brinquedo de menina ou menino, tem apenas cores e brinquedos que podem ser utilizados por todos. Tais atividades foram planejadas procurando romper com a perspectiva heteronormativa, esse rompimento pode ocorrer por meio de brincadeiras que envolvem diferentes brinquedos, bem como carrinhos, bonecas, jogos e brincadeiras de roda que incentivam o envolvimento de meninas e meninos. Assim, encerramos o primeiro encontro de interação com as crianças fomentando as relações de gênero na perspectiva da diversidade e das condições mais igualitárias e plurais.

Na sequência das atividades, ao longo dos encontros propusemos rodas de conversa. Para iniciar o diálogo, relatamos as diferenças e semelhanças que haviam entre as crianças da sala, bem como observamos quem tinha cabelo enrolado, liso, loiro, preto, castanho, curto, longo, as cores dos olhos, a estatura, cores de roupas, entre outras peculiaridades

que notamos em conjunto com as crianças, sempre mantendo a interação. Após o diálogo, convidamos duas crianças para que se retirassem da roda de conversa e fossem até o espelho que estava disponível em sala e fizemos perguntas para as crianças que estavam diante do espelho, sobre suas características corporais, para que, assim, percebessem suas diferenças e semelhanças. Foi estendido o convite para todas as crianças e nenhuma delas se recusou a participar, isso foi de grande relevância para o desenvolvimento das atividades, pois, como afirma Louro (2003), as múltiplas identidades não devem ser percebidas como “camadas”, umas sobrepondo às outras.

Em seguida, as crianças foram organizadas sentadas ao redor de mesas, que estavam disponíveis na sala. Cada criança recebeu um desenho estrutural do corpo humano e, em seguida, instruímos as mesmas a desenhar as partes integrantes do seu corpo conforme elas são, fizeram novamente uso do espelho para se observar. Durante a atividade, também explicamos individualmente às crianças sobre as diferentes peculiaridades entre elas, ressaltando que quem tem cabelo curto deve desenhar o cabelo curto no desenho que recebeu. Foi possível perceber que todas as crianças demonstraram interesse ao realizar a atividade. No final, recolhemos os desenhos das crianças, os quais compõem o *corpus* da pesquisa.

Na última fase da proposta cumprimentamos as crianças e as organizamos para ouvir a música “O seu corpo é um tesourinho”<sup>iii</sup>, essa música foi utilizada com o objetivo de relatar a importância de cuidar do corpo e prevenir o abuso sexual. Ouvimos três vezes a música, para melhor compreensão das crianças, na terceira vez algumas crianças tentaram cantá-la. Em seguida, pedimos para cada criança relatar, oralmente, o que compreendeu do enredo da música e, então, proporcionamos um momento de diálogo sobre o tema abuso sexual - diálogo realizado de acordo com o universo infantil, ressaltando que ninguém pode tocar no corpo de ninguém sem permissão, e se alguém tocar no seu corpo e você se sentir mal deve contar para alguém que confia. E que não devemos deixar as pessoas mexer em nosso órgão genital.

Para dar início ao diálogo, pedimos às crianças: o que seria o “tesourinho”? A primeira criança respondeu que era o seu corpo, a segunda disse que era seu órgão genital e, assim, as demais respostas foram relatadas pelas crianças seguindo as mesmas perspectivas da primeira e da segunda explicação. Uma das crianças perguntou: o que é

abuso? Fizemos uso de linguagem simples e explicamos que abuso são “carícias ruins”, quando alguém passa as mãos em nosso corpo e nós não gostarmos disso, também ressaltamos que se isso acontecer deve-se contar o ocorrido para um professor ou para alguém que gostamos, como para a mãe, o pai ou qualquer outra pessoa que a criança confie. Assim, fomos interagindo e trocando informações com as crianças, uma vez que, “precisamos ter sempre essa vontade de vê-los aprendendo sobre tudo; e aí se inclui o corpo e a sexualidade” (FIGUEIRÓ, 2013, p. 25).

Dessa forma, pensamos que a Educação Sexual na Educação Infantil desempenha um papel significativo na formação pessoal das crianças, proporcionando assim, compreensão de sua sexualidade. Além da compreensão sobre a sua sexualidade, propiciou-se também, momentos de construção de vínculos sentimentais e oportunidades de aprendizagens entre nós pesquisadores, as crianças e entre as crianças/crianças, havendo uma integração enriquecedora para a emancipação humana. Chauí (1984) considera que a criança é um ser sexuado polimorfo e, diante desse poliformismo, pode-se contribuir positivamente para a compreensão de sua sexualidade.

#### **Análise: observações e manifestações**

A presente seção faz referência às observações e manifestações obtidas a partir da sequência didática (aqui relatada em um período de três encontros). A metodologia de análise de dados da pesquisa de campo é caracterizada como pesquisa-ação, de cunho descritivo e qualitativo. Será utilizado o termo “Grupo C” para análise de dados das crianças. Salienta-se que dentro do grupo C temos os dados obtidos da atividade realizada com o desenho estrutural do corpo humano e as informações extraídas da roda de conversa a partir da música “O seu corpo é um tesourinho”, sendo assim, temos análise de dois dados. Para efeito deste trabalho duas fontes serão abordadas: desenho e roda de conversa.

Primeira análise do grupo C: observou-se e categorizou-se o desenho estrutural do corpo humano em que cada criança fez as partes integrantes do corpo conforme elas são. Analisaram-se quantas fizeram o desenho completo (com todas as partes integrantes do corpo), quantas fizeram o desenho incompleto (faltam partes integrantes do corpo) e quantas crianças conseguiram atingir o objetivo da atividade, detalhando ou não detalhando os órgãos. Em que buscamos diagnosticar a compreensão (facilidade ou dificuldade) que as crianças adquiriram da atividade realizada, se demonstraram conhecimento e apropriação da temática estudada.

Segunda análise do grupo C: dados analisados a partir da música “O seu corpo é um tesourinho”, informações extraídas da roda de conversa, pediu-se para cada criança relatar oralmente o que compreendeu do enredo da música, propiciando momento de diálogo sobre o tema abuso sexual. Observou-se se houve relato de violência sexual, se a criança se sentiu confortável para dialogar sobre o assunto, se houve mudança de comportamento da criança no momento da roda de conversa, bem como choro, inquietude, nervosismo, entre outras manifestações.

As análises de dados realizadas no presente trabalho estão fundamentadas no uso da Análise Textual Discursiva (ATD) para a categorização e interpretação dos dados obtidos. Este momento possibilitou aos pesquisadores perceber o que foi apreendido ou não com a realização da sequência didática, também propiciou a realização de uma avaliação do processo, dado que, os pesquisadores terão um olhar “de dentro” para “fora”, pois, analisam suas experiências e o desenvolvimento da pesquisa em relação com os sujeitos envolvidos.

O primeiro instrumento de coleta de dados a ser analisado é a produção de desenhos do corpo humano (partes integrantes), atividade desenvolvida com quinze crianças (primeira análise do grupo C). Observou-se e categorizou-se o desenho estrutural do corpo humano em que cada criança fez as partes integrantes da anatomia humana conforme elas são. Sendo assim, a primeira parte do corpo categorizada e analisada foi o cabelo: todos os participantes fizeram o desenho do cabelo conforme suas características, foi possível perceber algumas peculiaridades dos envolvidos, bem como os tipos de cabelos: enrolado, liso, curto, comprido, topete (observar figuras 1, 2 e 3). A segunda parte do corpo analisada e categorizada foi os olhos, nariz e boca: observou-se que dez crianças fizeram tais partes do corpo proporcional ao tamanho do desenho, quatro fizeram maior que o proporcional ao desenho e uma desenhou sem ser possível identificar cada parte, ou seja, misturou as partes integrantes do corpo que estavam sendo analisadas. A terceira análise e categorização realizada foi dos seios: todos os participantes fizeram, porém, apenas três fizeram os seios proporcionais ao tamanho do desenho, as demais fizeram maior. Um dos participantes fez um seio bem maior que o outro.

Amostra da primeira atividade realizada com grupo C a partir do desenho estrutural do corpo humano, desenho realizado por uma das meninas presente no grupo.

**Foto 1** – O desenho do corpo humano, desenho feito pela criança CI.



Fonte: Criança participante da pesquisa, 2018.

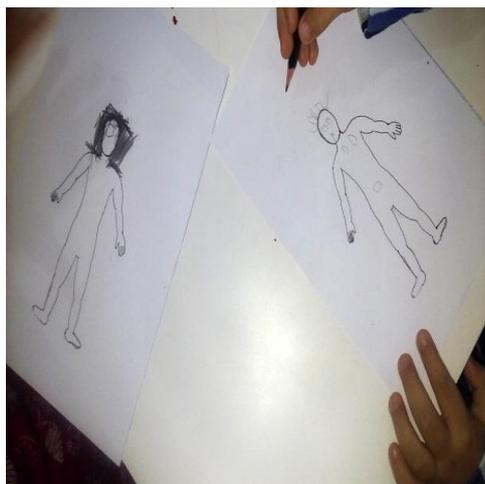
Algo nos chamou a atenção e que pode ter ocorrido devido à compreensão que as crianças obtiveram a partir das atividades propostas pelos pesquisadores sobre os seios femininos (mama feminina), foi que as sete meninas desenharam os seios mais volumosos (observar figura 1). Isso pode ter ocorrido porque foi explicado que os seios femininos crescem e se tornam mais volumosos que os seios masculinos. Pode-se dizer que houve apropriação de conhecimento.

A quarta parte do corpo categorizada e analisada foi o umbigo (a escolha dessa parte do corpo foi para explicar às crianças que quando estamos na barriga da mamãe é por meio do cordão umbilical que nos alimentamos): todas as crianças realizaram o desenho do umbigo, porém, quatorze fizeram desproporcional ao tamanho (representado no desenho, observar figura 1), apenas uma fez o tamanho proporcional. Além disso, quatorze crianças fizeram o umbigo no formato de círculo e uma no formato de retângulo (observar figura 2). A quinta parte analisada e categorizada foi o órgão genital (pênis e vulva): observou-se que apenas uma menina fez a vulva definida e de tamanho proporcional ao desenho (observar figura 3), seis meninas fizeram o desenho da vulva sem detalhes, ou seja, não é possível identificar o formato do órgão (observar figura 1). Três meninos definiram o órgão genital masculino, dentre esses, dois fizeram o desenho proporcional e um fez maior que o proporcional ao desenho, cinco meninos fizeram o desenho do pênis sem detalhes, o qual não é possível identificar o órgão. Assim, constatou-se que a maioria das crianças, tanto meninas quanto meninos, não desenharam o órgão genital com detalhes, isso pode ter ocorrido devido à ideia de ser algo vergonhoso e que deve ser silenciado/omitido. Pois,

segundo Foucault (1988), tenta-se controlar/banir a livre circulação de enunciados/discursos sobre a sexualidade e, assim, de tanto reprimir impõe-se o silêncio e a discrição em diversas relações sociais.

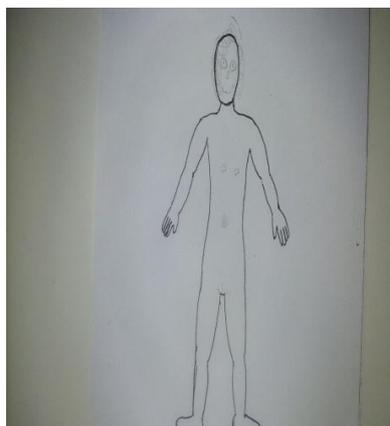
Amostras das atividades realizadas com grupo C a partir do desenho estrutural do corpo humano, desenho realizado por uma das meninas e um dos meninos presentes no grupo.

**Foto 2** – O desenho do corpo humano, desenhos feitos pelas crianças CI e CII.



Fonte: Crianças participantes da pesquisa, 2018.

**Foto 3** – O desenho do corpo humano, desenho feito pela criança CIII.



Fonte: Crianças participantes da pesquisa, 2018.

Observou-se, a partir dos desenhos, que as crianças realizaram as partes integrantes do corpo, no entanto, em alguns casos as mesmas não foram proporcionais ao tamanho do desenho estrutural e, também, tiveram casos que não foi possível identificar o formato da parte integrante. Casos assim podem ter ocorrido pela não compreensão da atividade, haja

*Na educação infantil a educação sexual está em ação: meu corpo é um tesourinho*

vista à idade dos participantes e/ou devido à vergonha/repressão/desconhecimento, pois, as partes menos identificadas foram os órgãos genitais. Talvez essa ocorrência esteja atrelada a repressão sexual burguesa que surgiu no século XVII e que Michel Foucault descreve no livro *História da sexualidade: a vontade de saber* (1988). Segundo o autor, a sexualidade reduziu-se ao nível da linguagem, em que o discurso sobre essa temática era controlado, banido, extinguido, proibido e de tanto calar-se: silenciou-se. Porém, não é possível viver e conviver no silêncio absoluto no que diz respeito à sexualidade, pois, crianças, adolescentes, adultos e idosos estão constantemente num processo de Educação Sexual ao longo da vida. Por isso, os discursos sobre sexualidade devem fazer parte da formação, compreensão e apropriação de todos os indivíduos. Louro (2003) ressalta que não somos construídos por meio de mecanismos de repressão e censura, portanto, podemos nos construir por meio de práticas e relações que nos constituem de forma integral.

O segundo instrumento de dados analisado foi realizado na parte final da proposta com o grupo C (quinze crianças envolvidas), as atividades foram desenvolvidas a partir da roda de conversa com a música “O seu corpo é um tesourinho”. Após ouvir três vezes a música propiciou-se momento para diálogo e compreensão do enredo musical, observou-se a partir das informações extraídas da roda de conversa que nem uma criança relatou atos de violência sexual, além disso, não foi possível identificar desconforto ou mudança de comportamento (bem como choro, inquietude, nervosismo, entre outras manifestações) das crianças ao dialogar sobre abuso sexual. Os pesquisadores explicaram para as crianças que não podem deixar as pessoas tocar em seu corpo sem permissão e, se alguém insistir em tocar, deve-se contar o ocorrido para alguém que confia, pois, segundo Figueiró (2013), escola e família educam, influenciam na formação de valores e atitudes referente à sexualidade.

É de suma importância dialogar com crianças, adolescentes, adultos e idosos sobre atos de violência sexual, além do mais, segundo Foucault (1984, p. 44), “é também aquele que pode ser imposto pela violência a alguém que se encontra reduzido a objeto do prazer do outro”. Por isso, é preciso observar além da exploração sexual, às situações de intimidações, violências físicas (contato físico) e psicológicas (forma verbalizada e visualizada), para que, assim, não ocorram dois valores de posição em que um é o sujeito e o outro o objeto.

Contudo:

[...] enquanto que a "sexualidade" será marcada pela cesura entre sexualidade masculina e feminina, os *aphrodisia* são pensados como uma atividade implicando dois atores, cada qual com seu papel e função — aquele que exerce a atividade e aquele sobre o qual ela se exerce (FOUCAULT, 1984, p. 44).

Portanto, é preciso romper com ótica machista e prevenir atos de violência sexual e, acredita-se que isso seja possível a partir da formação cidadã, da compreensão e construção da sexualidade. Assim, será possível desfazer alguns mitos (certo e errado) e prevenir/amenizar a violência e a opressão sexual.

Com base nas observações realizadas na sequência didática e na análise de dados foi possível perceber, historicamente, que talvez não houvesse uma compreensão da importância de se trabalhar a sexualidade na infância e, por isso, as crianças não tinham voz, ou não tinham seus direitos valorizados e assegurados. Por tanto, cabe a nós professores pesquisadores ampliar nossos conhecimentos teóricos e colocá-los na prática, relativamente, talvez sirvam de paradigma para a formação psíquica, intelectual e sentimental do sujeito, visto que, teoria colabora com a prática, pois transfere significado às práticas pedagógicas.

Acredita-se que, assunto como sexualidade faz parte do contexto social que estamos inseridos, indiferente do tempo e do espaço, pois, necessitam ser questionados, pensados, observados e respeitados e, segundo Figueiró, “sugiro aos educadores que nos interroguemos, continuamente, sobre em que medida estamos contribuindo para a alegria na escola” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 205). Assim, pode-se estar contribuindo no processo de construção de conhecimento e, alegrando a escola com assuntos que fazem parte do processo de identidade e constituição da personalidade dos alunos, dado que, o professor é mediador do processo de formação.

### **Considerações finais**

Diante do que foi exposto, no que concerne o objetivo deste artigo, foi apresentar a execução de uma sequência didática (descrição e análise dos resultados dos encontros) e análise discursiva dos resultados da pesquisa qualitativa, a qual está pautada em um estudo de campo caracterizado como pesquisa-ação, sobre Educação Sexual na Educação Infantil. Foi possível perceber o importante papel social que os professores exercem sobre a construção de relações humanas na infância, as quais podem influenciar positivamente e/ou

*Na educação infantil a educação sexual está em ação: meu corpo é um tesourinho*

negativamente na vida adulta. Devido a isso, pode-se dizer que a Educação Sexual é uma temática indispensável para a formação psíquica, intelectual e sentimental do ser humano - formação integral.

Para que, de fato, a Educação Sexual seja relevante para a formação dos indivíduos é preciso que os professores assimilem criticamente o conhecimento científico para haver educação de qualidade. Sendo assim, enfatiza-se a importância de trabalhar a sexualidade na Educação Infantil a partir de compreensões que podem ser obtidas dos referenciais teóricos estudados para elaborar o presente artigo, ou seja, compreender a Educação Sexual a partir de uma abordagem subjetiva, a qual leva em consideração as dimensões sociais e culturais. É preciso haver interação profícua da temática para que se possa garantir melhor qualidade de ensino e aprendizagem e, com isso, seja possível formar cidadãos emancipados e humanizados, visto que, a Educação Sexual que tiveram no início da infância e que se estendeu por toda sua formação escolar e pessoal.

Além disso, é preciso desconstruir os estereótipos que permeiam as relações humanas, parar de “naturalizar” atitudes preconceituosas, desrespeitosas e a violência sexual, possibilitando um “novo olhar” perante a sociedade, pois é preciso romper com ótica machista e desfazer alguns mitos (certo/errado). E, como os professores e as instituições escolares ocupam papel social que deve progredir significativamente à formação do sujeito aprendiz, é fundamental a interação teórica ou científica de assuntos que podem ser abordados em sala de aula ou no contexto exterior de instituições de ensino para garantir melhor qualidade de ensino e aprendizagem. Dessa forma, poderá haver formação de cidadãos críticos que lutam por seus direitos políticos, sexuais e valores éticos, culturais e estéticos e sociais. Assunto como violência sexual deve fazer parte do contexto social que estamos inseridos, indiferente do tempo e do espaço, pois, necessitam ser questionados, pensados, observados e combatidos.

O que se pretende com esse viés investigativo é a soma para a formação de sujeitos que lutam por seus direitos e respeitam os direitos alheios, além do mais, a sequência didática desenvolvida na Educação Infantil poderá contribuir para o desenvolvimento da confiança e da autonomia das crianças e, com isso, se sentirão aceitas, ouvidas, respeitadas e cuidadas. Proporcionando assim, segurança e mudança em sua formação pessoal e social, adquirindo conhecimento sobre as mais diversas realidades. Também poderá promover maiores reflexões sobre a formação desses sujeitos, bem como compreender que a

sexualidade é inerente à vida e que é de suma importância abordar tal temática nas demais etapas escolares, a fim de que possa haver uma formação humana e sensível. É prazeroso trabalhar com as crianças na fase inicial de escolarização, os quais são observadores, criativos, imaginativos, curiosos e possuem interesse em aprender e compreender as diversas realidades.

### Referências

BRASIL. Educação, Ministério e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v.2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei n. 9.394. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

COSTA, Glicia Neves da. **Orgasmo feminino: conhecer para ter**. Palmas - TO, 2013.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v.1. Tradução Ruy Jurgman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação do educando. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual: em busca de mudanças**. Londrina: UEL, 2009a. p. 187-208.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009b. p. 141-171.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1988.

FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da educação sexual na escola. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Sexualidade**. Curitiba: SEED – PR, 2009. p. 37-48.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro Posições**. Campinas, v. 19, n. 2, p.17-23 ago. 2008.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. São Paulo: Campinas. 1959.

PARANÁ. **Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**. 2009. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/Sudoeste%20Paranaense\\_especificidades%20e%20diversidades.pdf](http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/Sudoeste%20Paranaense_especificidades%20e%20diversidades.pdf). Acesso em: 02 maio 2021.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio; ou, Da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. – 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

## Notas

---

<sup>i</sup> Trata-se de uma pesquisa de caráter participativo, na qual pesquisadores e colaboradores desenvolvem uma ação de modo cooperativo, ativo/reflexivo sobre situações, fatos e temáticas observados ao longo da investigação. O trabalho desenvolvido pode contribuir para a promoção de mudanças significativas para o contexto em que se realiza.

ii [...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20).

iii Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qCePUmhrzgc&t=145s>. Acesso em: 03 maio 2021.

## Sobre os autores

### **Marta Richciki Camargo**

Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Docente de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Educação Básica do Paraná (SEED). E-mail: [marta.richciki@gmail.com](mailto:marta.richciki@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8812-124X>.

### **Thais Goldeff Hahn**

Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Bolsista de Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: [thaisgoldeffhahn@gmail.com](mailto:thaisgoldeffhahn@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8304-9990>.

### **Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia**

Doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Docente da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus de Realeza PR. Docente do Curso de Especialização em Direitos Humanos. E-mail: [ronaldo.garcia@uffs.edu.br](mailto:ronaldo.garcia@uffs.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7782-2040>.

Recebido em: 14/10/2021

Aceito para publicação em: 08/11/2021